

Introdução

O título “Angústia e objeto –elaborações a partir do caso de fobia *Pequeno Hans*”, compreende os conceitos principais e centrais, desenvolvidos e articulados neste texto. Baseamos nossa leitura nas obras de Freud e Lacan, e nas considerações de alguns de seus comentadores.

Consideramos, desta forma, fobia, angústia e objeto, conceitos clínicos fundamentais como norte para a presente dissertação. Encontramos na seguinte referência do início da obra de Freud a relação entre fobia e angústia, quando escreve que na fobia “nunca se encontra nada além do estado emocional da angústia” (1885 [1894] a: 85). Tal afirmação serve como ponto de partida, primeiro a título de uma indagação e por fim, como motor para o desenvolvimento do estudo a seguir.

No primeiro capítulo optamos por introduzir algumas considerações sobre os destinos do afeto - a conversão (histeria), o deslocamento (a obsessão) e a fobia -, para apresentarmos, então, a discussão da relação do sintoma com a angústia. Localizamos nos textos iniciais de Freud a primeira importante concepção da função do sintoma como defesa contra uma idéia incompatível à consciência.

Citamos três momentos na obra de Freud, ressaltando as principais mudanças teóricas entre eles, onde é possível reconhecer a defesa como solução para tal idéia ou conteúdo indesejáveis: em “As neuropsicoses de defesa” (1894 c), em “A interpretação dos sonhos” (1900), onde é apresentada a formulação do sintoma como formação de compromisso, e em “O recalque” (1915).

Porém, observamos que nenhuma tentativa de defesa é absolutamente bem sucedida, produzindo desta falha um excedente de afeto de angústia, ao qual atribuiremos o nome de resto, baseando-nos nas formulações posteriores de Lacan a respeito do objeto *a* (1962-63).

Segundo Freud, este excedente resulta do acúmulo de energia pulsional, que uma vez descolada da idéia indesejável, continua agindo de forma a gerar desprazer.

Ao longo do percurso de pesquisa pudemos constatar que a solução fóbica se destaca pela especificidade de ser essencialmente marcada pela angústia, ou

seja, na fobia parece restar de forma bastante nítida e intensa tal afeto. Desta forma, com a finalidade de investigar isto que a solução sintomática não soluciona, recorreremos à fobia, privilegiando as formulações derivadas dos textos iniciais da obra de Freud, além da análise do caso de fobia do “*Pequeno Hans*” (1909), e principalmente das considerações contidas em “Inibição, sintoma e angústia” (1925 [1926]).

Sublinhamos neste último texto a importante modificação da relação entre sintoma e angústia. Anteriormente, a angústia era considerada o resultado de um conflito pulsional, uma conseqüência do recalque, e após “Inibição, sintoma e angústia”, ela passa de produto para motor da formação de sintomas, com a característica de ser destituída de qualquer ligação a um conteúdo específico.

Apoiamo-nos na tentativa de descrição desta “nova angústia” por Freud, cuja origem caracterizava-se por ser essencialmente desconhecida, e de acordo com Lacan chamamos esta angústia de vazia, uma vez que não há mais nenhum representante associado a ela.

O segundo capítulo “Do pai presente ao pai como presença - uma análise da configuração subjetiva de *Hans*” apresenta uma extensa análise do caso de fobia do *Pequeno Hans*. Privilegiamos o recorte de dois aspectos centrais nos quais apoiamos as demais considerações: a relação extremamente baseada na complementaridade de *Hans* com a mãe e a precariedade do pai como interditor para esta relação.

A passagem do primeiro para o segundo capítulo ancora-se no desenvolvimento da angústia de castração, que não é mais concebida como uma ameaça de castração originada do pai na realidade, assim como a angústia também não se encontra mais relacionada a causalidades.

Trata-se de uma castração de outra ordem, a ordem simbólica, que instaura a falta e que depende do pai como função.

No entanto, a delimitação do excesso de angústia, oriundo da relação complementar com a mãe, que não permitia a instauração de um intervalo ou um lugar para a falta, dependia deste pai.

Constatamos que a fobia figura uma tentativa de solucionar o que a função paterna desempenha de forma insuficiente – a proibição. Desta forma, a fim de conter o excesso de angústia originada na relação de dualidade, e poder evitá-la, a fobia soluciona a angústia ligando-a a um objeto que pode ser mantido afastado.

Abordamos a questão da posição de objeto de *Hans* como falo imaginário para a mãe, que supostamente a satisfaria em seu desejo. No entanto, o desejo não entrava em jogo. Era preciso localizar então, a falta da mãe como falta impossível de ser preenchida ou ocupada por um objeto. Segundo Miller, “dado que a criança não é o objeto adequado para preencher essa falta, espera-se ao final, a entrada do Nome do Pai” (1995: 68).

Neste sentido, a fobia como solução para a angústia vinha no lugar de reforço para o pai, ou seja, no lugar da função que o pai deveria exercer.

O título do ponto 4 deste capítulo “A fobia: uma suplência à função paterna”, confirma e sustenta a operação fóbica no intuito de delimitar a angústia em excesso. A saída encontrada escolhia um objeto na realidade que dava contorno para a angústia, uma vez que ela se ligava a ele.

Hans podia, assim, localizar a angústia sob o nome cavalo e evitá-la. Em consequência desta necessidade de manter a angústia afastada, elaborou e traçou circuitos que serviam de meios para instaurar proibições e impedimentos, funções inerentes ao pai interditor.

Encerramos este capítulo, apresentando o ponto “Duas manifestações do real”, onde localizamos duas situações que se apresentam a *Hans* como algo sem-sentido, e para os quais teve que encontrar respostas diferentes daquela que já havia encontrado, ou seja, de ocupar a posição de falo imaginário da mãe.

“Variações em torno da metáfora paterna” é o título do terceiro capítulo, onde estabelecemos uma distinção entre a metáfora como substituição significante, e as operações observadas no caso *Hans*. Estas consistem em nomeações (nos casos da metáfora paterna e catacrese) para o desejo da mãe, ainda não significado, e para o qual não há ainda representante. Na metáfora paterna, o pai se superpõe ao desejo da mãe como uma primeira organização para isto que não tem forma, e na catacrese, figura de linguagem, encontramos uma forma de ilustrar a nomeação para algo que não tem uma palavra própria para ser designada. A última variação consiste nos mitos, que delimitam o real a partir da criação de histórias incluindo um intervalo, um furo.

As três formas citadas foram escolhidas para demonstrar a particularidade da fobia, onde se tornava urgente a nomeação e a delimitação do real a fim de conter a angústia e localizar a falta.

Por último, o capítulo “Angústia e segredo”, retoma mais uma vez o fio condutor desta dissertação, a angústia, mas desta vez, sob um outro ângulo, relacionando-a ao objeto destituído de representação e esvaziado de significação, o objeto *a*.

A angústia aparece frente ao nada, como o objeto *a* é um objeto que tem afinidades com o nada, pode-se dizer que ele é invisível e está presente na angústia (Miller: 1995:94).

Para isso, localizamos através da incidência do pai simbólico um ponto desprovido de sentido, para dar lugar a falta. Desta forma, elucidamos a passagem do objeto da realidade, o cavalo no caso *Hans*, meio significante para delimitar a angústia, para o objeto *a*, objeto este sem significação possível.

Chegamos ao ponto que nos guiou até aqui, ou seja, de que a angústia ocorre quando a falta é apagada, obturada. Escolhemos alguns exemplos, tal como o conto de E.T.A Hoffmann, “O Homem de Areia” (1817), onde os olhos retirados do corpo e postos em cena, levam o personagem Natanael à loucura. Esta é a presença do objeto *a* em cena – isto que angustia.

A mancha no quadro de “Os Embaixadores” de Hans Holbein, também figura tal objeto em cena, caso seja visualizado em primeiro plano.

Por fim, concluímos com o segredo, articulação em relação ao objeto *a*, derivada da depuração do conceito *unheimlich* de Freud (1919), que remete a algo que deve ser preservado. É preciso que haja uma localização para o segredo a fim do objeto não vir no lugar da falta. Questionamos o estatuto do segredo na fobia. Como é possível localizar este ponto vazio? Como é possível pensar o segredo na fobia?

Escolhemos a seguinte passagem de Clarice Lispector, pois a consideramos traduzir o percurso de escrita do presente texto. Tecemos considerações teóricas contidas nos textos de Freud e Lacan, com a contribuição de alguns outros autores; apresentamos conceitos e suas articulações e culminamos no objeto, cuja essência inapreensível nos levou a criar e inventar formas de escrever sobre este “algo” sem representação e sem sentido, e ressaltamos, por último, a importância de sua localização.

Hoje acabei a tela de que te falei: linhas redondas que se interpenetram em traços finos e negros, e tu, que tens o hábito de querer saber por que – e porque não me interessa, a causa é matéria de passado - perguntarás por que os traços negros e finos? É por causa do mesmo segredo que me faz escrever agora como se fosse a ti, escrevo redondo, enovelado e tépido, mas às vezes frígido como os instantes frescos, água do riacho que treme sempre por si mesma. O que pintei nessa tela é passível de ser fraseado em palavras? Tanto quanto possa ser implícita a palavra muda no som musical (Lispector, 1998: 10-11).